

INCURSÕES TEÓRICO-METODOLÓGICAS DA ETNOMETODOLOGIA NA CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO: aplicações em pesquisas sobre leitura

Lígia Maria Moreira Dumont*
Edna Gomes Pinheiro**

RESUMO

No intuito de apresentar algumas reflexões que possam auxiliar na elaboração de futuras pesquisas sobre leitura como uma forma de explorar possibilidades de mudanças na vida cotidiana de indivíduos e grupos, discute escolhas teórico-metodológicas passíveis de aplicação. Enfatiza que o método fenomenológico, a abordagem qualitativa, a observação participante, a entrevista (que pode se apoiar na escuta sensível, nos desenhos comentados), a história de vida tópica, intermediados pela etnometodologia, são recursos relevantes e imprescindíveis para subsidiar o percurso metodológico de pesquisa sobre leitura no discurso da Ciência da Informação. Sugere a abertura de diálogo entre a etnometodologia e a Ciência da Informação, haja vista a interseção dos domínios da apropriação da informação na constituição do eu cidadão leitor, advindos, de um lado, de estudos da Ciência da Informação e, de outro, dos estudos sócio-históricos da leitura. Aponta a relevância da etnometodologia na Ciência da Informação, especialmente quando as pesquisas dessa área lidam com o usuário e o seu mundo de vida, suas experiências e a sua visão particular, diante das possibilidades de se reconstituir, a partir da informação e do conhecimento adquiridos pela leitura, necessidades para estabelecer a vivência entre pessoas e grupos. Principalmente quando esses grupos compõem-se de sujeitos sócio, cultural, educacional e economicamente carentes. Conclui que a etnometodologia oferece novas formas de articulação com a leitura, visto que seu postulado investiga as propriedades racionais de expressões de indexação e outras ações práticas sociais contínuas e organizadas na vida cotidiana.

Palavras-chaves: Leitura e metodologia de pesquisa. Leitura e etnometodologia. Ciência da Informação e etnometodologia. Leitura e apropriação da informação.

* Doutora em Ciência da Informação pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil. Docente permanente no Programa de Pós Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil.
E-mail: dumont@eci.ufmg.br.

** Doutora em Ciência da Informação pela Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil. Professora do Departamento de Ciência da Informação da Universidade Federal da Paraíba, Brasil.
E-mail: ednagomespi@yahoo.com.br.

I INTRODUÇÃO

Falar sobre leitura de sujeitos inseridos em condições diversas, em especial os que ainda apresentam condições desfavoráveis relativas ao acesso a processos educacional, econômico e cultural, destacando-se o acesso ao livro, requer lembrar que estes são leitores contextualizados dentro de um mundo de signos próprios – como qualquer outro estrato de leitores. São emissores e receptores de informação que falam,

ouvem e leem o mundo segundo os ordenamentos singulares e utilizados pelos seus pares, mas também lembrando que todas as formas de linguagem estão para eles acessíveis e abertas.

Tais experiências podem, às vezes e ainda, ser uma síntese da articulação entre imaturidade e conhecimento, no adentramento da decodificação de signos de leitura mais elaborada, erudita ou científica, recheada de subjetividade, no processo de construção/desconstrução/reconstrução da realidade sentida durante o ato de ler. Petit

(2008), trata das múltiplas dimensões envolvidas no ato de ler, com destaque em comunidades da zona rural e de periferia de grandes cidades. A autora preconiza que a leitura abre para o leitor a possibilidade de articular experiências e outros modos de entender o mundo, ou até mesmo de construir sua própria identidade. Constituindo-se, portanto, de uma ferramenta estruturante, que pode possibilitar uma relação mais autônoma com o conhecimento, dando significado e auxiliando a compreensão do seu mundo interior e, por consequência, do mundo exterior.

Nesse viés, ao se inserir a leitura no processo de realização da condição humana, da capacidade de entender o mundo, está-se constituindo um campo de investigação apto a identificar como se instaura a apropriação da informação – também conhecida na Ciência da Informação como introjeção do conhecimento (DUMONT, 2007). Por introjeção entende-se um conjunto de atos voluntários, pelo qual o indivíduo reelabora o seu mundo, modificando seus conhecimentos prévios com as informações lidas e processadas sob a ótica de ordenamentos, de desvios, de reutilizações singulares do sujeito leitor. Chartier (1990) cunhou o termo apropriação da informação para essa ação, pelo autor considerada uma prática cultural.

Tal campo significa articular a leitura com a apropriação da informação, partindo do pressuposto de que a Ciência da Informação se interessa em estudar o papel da leitura no cotidiano das pessoas, acreditando que imersos em um mundo de símbolos e signos, eles transitam de uma experiência de leitura para outra, por meio do código escrito registrado em qualquer suporte informacional. Nesse ponto, os leitores já participaram de práticas sociais de letramento concebidas como o estado ou a condição que assume aquele que aprende a ler e a escrever (BECKER, 1994) □ e presenciam práticas de leitura, sendo atraídos pelos meios de comunicação e estimulados a seguir caminhos diversos na construção do saber, interagindo com diferentes suportes de leitura e de textos.

A partir de tal pressuposto, tornou-se necessário buscar suporte sociológico, sob o olhar da Ciência da Informação, para nortear algumas balizas, a saber: leitura e necessidades de busca de informação para o dia a dia; leitura e informação como fenômeno social, a partir de seus domínios epistemológicos e contextos sociais; interlocuções

entre informação, leitura, espaço e práticas sociais; processo de construção de significados e produção de sentidos; acesso à leitura e à informação como um bem público, direito de todos.

Discorrer sobre a função da leitura e o uso que os sujeitos fazem dela nas ações do cotidiano, significa compreendê-la como um fenômeno eminentemente social, haja vista a multiplicidade de facetas que a cerca e os diferentes olhares que foram traçados no decorrer de sua história na sociedade. Destaque às diferentes formas de pensar a seu respeito, principalmente no que diz respeito à importância que lhe é conferida na vida do ser humano e os papéis que assume em espaços e em tempos determinados.

Refletir sobre os percursos metodológicos utilizados em pesquisas sobre leitura, destacando as realizadas em contextos de estratos sócio-político-culturais mais carentes, no ambiente daqueles que dela se apropriam e resistem às adversidades, exige um trajeto de investigações sutis, pois ordenam reflexões e olhares sagazes que devem conduzir à compreensão de diferentes realidades, consequentemente, a facetas metodológicas adequadas a tal situação.

Seguindo essa linha de raciocínio e estabelecidas tais considerações, ressalta-se que o objetivo deste artigo é o estudo da etnometodologia em pesquisas sobre leitura na Ciência da Informação. Portanto, aponta percursos metodológicos de pesquisas a partir do paradigma etnometodológico. Acredita-se que tal paradigma torna possível a compreensão de como são as práticas cotidianas de leitura auxiliam no entendimento do significado e o sentido das mesmas para os sujeitos pesquisados. Para tal, o artigo discorre sobre a etnometodologia, especialmente sobre a epistemologia e seus marcos conceituais, analisando, de forma reflexiva, como a metodologia pode ser utilizada para as investigações sobre leitura e informação. Consequentemente, visa também incentivar a inserção dos postulados etnometodológicos em pesquisas na área da Ciência da Informação.

2 APORTES TEÓRICOS DA CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO E LEITURA: os PRECEITOS PARA A ARTICULAÇÃO COM A ETNOMETODOLOGIA

A base teórica das pesquisas sobre leitura na área de Ciência da Informação que habilitou

inserir a problemática e os objetivos sob o olhar das teorias e dos conhecimentos etnocentrados já construídos, com destaque à etnometodologia, consistiu primeiramente das concepções que demarcam os liames das fronteiras entre estes campos do conhecimento. Certamente, tais conhecimentos deram e continuam oferecendo sustentação para discorrer sobre leitura, como no contexto social da Ciência da Informação, buscando analisar as peculiaridades e as semelhanças que as ligam, inclusive no que diz respeito aos direitos, às garantias fundamentais dos indivíduos e ao acesso à informação, como registrado na Carta Magna Brasileira. (BRASIL. Constituição, 1988, cap. I)

Parece não haver dúvidas que no discurso da Ciência da Informação, na ótica de sua responsabilidade ética e social, a leitura emerge como fonte de informação, de apropriação e de interação entre o homem e o meio ambiente, num contexto organizado, com irrefreáveis oportunidades de aprender e mudar perspectivas de vida. Esse discurso marca o empenho de maximizar a conexão entre o acesso à leitura e a apropriação da informação, no que diz respeito a uma condição *sine qua non* para a conformação do cidadão-leitor e o fortalecimento do processo democrático, que dá à sociedade a oportunidade de encontrar formas de se conviver e de superar as desigualdades, embora se reconheça que a informação também pode alargar o fosso existente entre os extremos das classes sociais, quando utilizada como instrumento de dominação e exclusão. As desigualdades entre as pessoas e as classes sociais existem muito em função à assimetria no tocante ao acesso à leitura e à informação, visto que tal acesso caracteriza a capacidade de pensar, avaliar, agir e reagir das pessoas diante de seus direitos, deveres e benefícios.

Dumont (2007) relembra ser necessário a Ciência da Informação desenvolver estudos e investigações próprias sobre leitura, estabelecendo postulados e teorias, vistos pelo prisma específico da área. Desde seus primórdios, a Biblioteconomia e a Ciência da Informação preocuparam – evidentemente com as nuances de época – com as necessidades de informação do sujeito por sua ótica, ou seja, o constante cuidado em oferecer informações e leituras a partir do seu perfil. Na atualidade, tornou-se também realidade, dentre as tendências

de estudos de usos e usuários da informação, privilegiar a subjetividade e temas que abordam a marginalidade, a alteridade e a diferença.

Pinheiro (2013) complementa, destacando que a Ciência da Informação tem enfatizado a partir da década de 1970 as suas características mais humanas e sociais. Na medida em que se direcionou para uma aplicação em que o sujeito é visto como o principal ator e objetivo dos chamados sistemas de informação, começaram a surgir nas pesquisas bases teóricas ancoradas em autores que discutem a Ciência da Informação como uma ciência preocupada com os seres humanos e com a forma como usam o conhecimento.

Consequentemente, está implícita nos discursos da Ciência da Informação, a estreita relação entre o seu objeto – a informação – e a leitura. Essa relação abraça as possíveis perspectivas de acesso informacional, práticas de leitura e apropriação da informação, inserindo com especial atenção as ações de responsabilidade social e as conexões entre leitura, biblioteca, educação, direitos, políticas públicas, dentre outros.

Constata-se que na literatura que a leitura está presente no discurso da Ciência da Informação com todas as suas polissemias, não somente nos processos de indexação ou das discussões sobre análise documentária, mas também no processo interativo de atribuição de sentido, que leva em conta todo o fazer humano e a diversidade cultural existente entre os geradores e os consumidores da informação. Isso revela a dinâmica dessa ciência e os progressos que permitiram seu avanço ao longo da história, no que diz respeito à inserção da leitura em seu compromisso social, espelhado no uso eficaz dos registros, no acesso à informação e na importância do contexto social dos sujeitos que produzem, buscam e usam a informação.

Sob o fio dessas considerações, entende-se que o discurso da Ciência da Informação requer uma compreensão de leitura não dissociada da cultura, como um sistema de significados e de representações que organiza a produção de sentidos em contextos sociais diversos. Tais sentimentos estão imbricados na relação do homem com o mundo. São relações socioculturais que se concretizam, mediante situações de comunicação interativa e da troca de saberes que favorece a integração pessoal do conhecimento.

A abordagem da literatura da área e das que tangenciam a temática leitura e apropriação da informação possui diversos trabalhos que se aproximam da vertente etnográfica, trazendo alguns esclarecimentos balizadores para as pesquisas sobre este campo. Dentre os autores mais conhecidos e reconhecidos internacionalmente e a título de exemplificação, pode-se mencionar dois que se aproximam dos pensamentos etnográficos, bastante citados pela literatura da área de Ciência da Informação.

Primeiramente, destaca-se o pesquisador Chartier (1990), pelo teor da sua obra sobre a apropriação da leitura. O autor enfatiza que é a prática que constrói as trajetórias complexas das ideias. Estas circulam entre as palavras proferidas e o texto escrito, da escrita lida aos gestos feitos, do livro impresso à palavra leitora. E prossegue: “A aceitação das mensagens e dos modelos opera-se sempre através de ordenamentos, de desvios, de reempregos singulares, que são o objeto fundamental da história cultural.” (CHARTIER, 1990, p.136)

Também Petit (2008) reflete sobre a importância da leitura para a formação humana e para a inclusão social. A autora argumenta que a leitura, por permitir um distanciamento, uma descontextualização da realidade concreta, pode estimular o senso crítico e ainda proporcionar um espaço para a reflexão, com abertura a novas possibilidades acerca do viver. Pela literatura, podemos nomear estados psicológicos até então desconhecidos e conhecer lados obscuros, ambivalências e contradições do ser humano. Assim, o leitor transforma o texto e é transformado por ele, pois “opera um trabalho produtivo”, entendido como reescrita. Na leitura, é possível alterar sentidos, distorcer, reempregar, introduzir variantes. Acrescenta, ainda, que o sentido “[...] também é transformado: encontra algo que não esperava e não sabe nunca a onde isso poderá levá-lo” (PETIT, 2008, p. 29).

Autores do cenário nacional também apresentam reflexões nesse sentido em seus trabalhos e pesquisas. Pode-se citar Almeida Júnior, O.; Bortolin, S. (2007) ao defender que para se construir um leitor, cabe a este a iniciativa de promover encontros, “cruzando” os textos que habitam o seu interior com aqueles existentes ao seu redor. Defende, ainda, que a leitura está no cerne da apropriação da informação. Esta não existe *a priori*, não existe antecipadamente,

por não ser concreta, ela apenas se concretiza no processo de decodificação própria de cada leitor:

Por ser intangível, a informação precisa do documento para ser veiculada e apropriada. A informação também é disforme, moldando-se ao acervo de conhecimentos de quem a procura. Assim, o documento permite a comunicação da informação. Por sua vez, a decodificação desse documento, o decifrar de sua linguagem, enfim, a leitura é que possibilitará sua apropriação. Assim pensando, as áreas da ciência da informação e da biblioteconomia não armazenam, organizam ou processam a informação, mas uma possível informação, uma informação latente, uma informação potencial ou, como passei a denominar, uma proto-informação. A leitura é realizada a partir do acervo de conhecimentos de cada pessoa. Cada leitura, dessa forma, é individual, diferente de outra leitura, pois não pode prescindir dos referenciais de quem a realiza. A exemplo da informação, a leitura não existe *a priori*, concretizando-se no processo de mediação. No entanto, a mediação da leitura faz parte da mediação da informação. (ALMEIDA JÚNIOR, 2007, p.34-35)

ARAÚJO (2003), caracteriza a informação como uma *produção de um sujeito cognitivo-social*; cognitivo porque o sujeito produz conhecimento e social, porque participa de uma comunidade de discurso e nela partilha seu conhecimento, incorporando elemento comunitário. Isso promove intercâmbios constantes entre o individual e o coletivo. Pinheiro (2013) direciona tais eixos na perspectiva do embasamento das pesquisas sócio-cognitivas sobre leitura, porque nele o sujeito do conhecimento é considerado como elemento ativo do seu contexto social, e esse caráter relacional cristaliza a (re) elaboração do conhecimento, no conjunto das relações sociais, numa troca permanente de informações. Enfatiza que o sujeito do conhecimento, além de ser gerador e consumidor de informação, é um sujeito social:

a ideia de informação como produção de um sujeito cognitivo-social, considerado como gerador e receptor da informação, um ser social, definidor de suas ações, [...] que faz trocas constantes com o contexto social. [...] Dito isso, podemos deduzir que a leitura é o ponto de partida da ação. É o nervo vivo da informação. Ler é acrescentar às experiências da própria

vida as experiências do convívio social. (PINHEIRO, 2003, p.68-69)

Esse modelo enfatiza o sujeito do conhecimento como um elemento dinâmico no seu contexto social. Nesse sentido, compreende-se a informação como um instrumento imprescindível para a construção de uma sociedade democrática.

Araújo (1998) inteira tal visão, ao refletir sobre o papel da informação e da leitura na formação de sujeitos críticos, inseridos na sociedade. Lembra que é nesse painel que os atores sociais buscarão o acesso à informação, compreendendo bem mais sua responsabilidade ou compromisso com o social e com o político. Tal raciocínio vai ao encontro do paradigma social da Ciência da Informação, esboçado numa conjuntura de estado democrático em que a informação passa a ser um direito do cidadão e dever do Estado, numa contextura por meio da qual os estudos contemplam a **leitura** como uma construção social que conduz os sujeitos a interferir nas estruturas existentes e modificá-las.

A informação, nessa ótica, não tem um fim em si mesma, mas existe como objeto que realiza uma ação ou transformação no conhecimento de um sujeito que é influenciado pelo seu contexto histórico, social e econômico (ARAÚJO, 2003). O autor enfatiza, ainda, que os pressupostos dessa identidade social só ocorrem com a aproximação da Ciência da Informação dos estudos microssociológicos e interpretativos, como os voltados para a informação, a cidadania, a ação cultural, a exclusão informacional, a informação rural, os processos de **leitura** e os dilemas da sociedade da informação, da revolução tecnológica e da globalização.

Aquino (1997), corrobora essa asseveração e afirma:

pensarmos a informação como formação é pensar a leitura como um direito da classe trabalhadora, como um ato de natureza política e social e nesse contexto a informação não é algo que apenas alguns possuem, mas se configura como possibilidade coletiva. Essa compreensão de informação somente alcançará o seu verdadeiro sentido, se nos tornarmos leitores e submetermos a nossa prática a uma análise crítica e rigorosa, permitindo, assim, o deslocamento, do senso comum à consciência filosófica. (AQUINO, 1997, p.97)

Portanto, vê-se que diversos autores acreditam na informação mediada pela leitura como produção de um sujeito *cognitivo-social*, como um fator de mudança na estrutura do conhecimento dos sujeitos da ação. Esse modelo enfatiza o sujeito do conhecimento como um elemento dinâmico do seu contexto social. Nesse sentido, compreende-se a informação como um instrumento imprescindível para a construção de uma sociedade democrática.

Tal entendimento dá origem a indagações investigativas, e abre brechas para observar as histórias e as experiências de leitura, fazer incursões a partir do: “[...] para quê, por que, o que leem as pessoas”, a fim de dirimir a preocupação dos estudiosos quanto à influência da leitura, seus reflexos, sua recepção e utilização (DUMONT, 1998, p.152). O plano conceitual e teórico referente aos estudos da leitura encontra-se bem desenvolvido, fundamentado em estudos da própria área e afins. Porém, há um descompasso quando se trata de pesquisas que abordam os “efeitos” da leitura, vistos sob a ótica do próprio leitor. Ainda, torna-se necessário a Ciência da Informação desenvolver mais estudos e investigações específicas e mais aprofundadas sobre a questão da introjeção de conhecimentos através da leitura, para estabelecer postulados, teorias e metodologias talhados a tal necessidade.

Para empreender pesquisas mais acuradas nas suas análises e conclusões, torna-se necessária a construção de um referencial teórico e o planejamento do roteiro de pesquisa, fincados na escolha de balizadores e preceitos que casam com as características e os preceitos da área. O trajeto metodológico, mesmo sendo um meio e não um fim em si mesmo, não isenta a necessidade de dar especial atenção ao percurso realizado. Afinal, a multiplicidade de caminhos e as transversalidades, quando mencionadas, revelam as nuances enfrentadas, que reconduzem todo o processo investigativo, desde as ações metodológicas empreendidas até os dispositivos delineados na construção dos objetivos.

O percurso escolhido e delineado pelo pesquisador, portanto, detalha o desenvolver da pesquisa e dos procedimentos metodológicos efetivamente adotados, a fim de esclarecer e clarificar o caminho percorrido e, por esta via, contribuir para a credibilidade dos resultados alcançados. Torna-se necessário buscar um método claramente explicitado e detalhado, para

apoiar as discussões sobre o objeto investigado, devido à necessidade de fundamentar, de forma lógica e coerente, tudo o que é analisado. Tal procedimento é praxe para o pesquisador, mas acreditar em algo, fazer com que essa crença “seja verdadeira”, necessita de critérios confiáveis, considerar os fatos reais e também pelo viés do sujeito objeto da pesquisa, inserir-se no mundo da investigação.

A partir desse pensamento e postura metodológica, vale ainda destacar que o método fenomenológico se amolda de forma equilibrada ao iniciar-se a proposta de metodologia para pesquisas sobre leitura. A fenomenologia fundamenta-se no pensamento de Husserl (1986) e defende a ideia de que a relação sujeito e objeto é um fenômeno e assim precisa ser entendido e considerado. Seu foco está em avaliar a experiência humana do mundo no âmbito das coisas como aparecem (fenômeno). A fenomenologia, portanto, baseia-se na análise da experiência tal como se manifesta. O conhecimento é essencialmente intencional.

Defende, ainda, que o mundo existe antes das análises ou reflexões de pensadores e é fonte de todos os pensamentos e percepções. É nesse mundo que se inserem as pessoas e se interagem entre si. Para alcançar o verdadeiro sentido do mundo, não se pode ignorar a reflexão como acontecimento, uma vez que ela se manifesta como uma verdadeira criação, em que o mundo é dado ao sujeito porque “o sujeito é dado a si mesmo” (HUSSERL, 1986).

Nesse ponto do caminhar investigativo, a pesquisa toma forma e cria contornos para indicar as manifestações que se apresentam ao sujeito. Por isso, as pesquisas que possuem o propósito de estudar as manifestações da leitura na vida das pessoas, no seu dia a dia entram em sintonia com a fenomenologia e dão sustentação aos objetivos propostos na pesquisa.

A inserção da fenomenologia nas pesquisas sobre leitura possibilita que a sua condução se sintonize com a etnometodologia, devido ao fato de seus postulados e procedimentos se harmonizarem com a linha de raciocínio e com os propósitos da investigação, no que concerne aos métodos utilizados pelos indivíduos para interpretar e pôr em ação suas atividades práticas e cotidianas; ao interesse pela forma como os indivíduos interagem com seus contextos; pela maneira como são construídas suas percepções

e interpretações do mundo e; encaixar-se perfeitamente com o interesse sempre presente em pesquisas sobre leitura em comunidades carentes ou especiais, advindas do senso comum.

Pensar a leitura como espaços de construção de sentidos, significados e apropriação da informação, em especial, de conhecimento, implica também em buscar novas maneiras de compreender os processos de apropriação de natureza informal e que fazem parte do cotidiano das pessoas, dos grupos e das organizações. Nesse sentido, é preciso buscar meios de ter acesso, tentar entender como essa apropriação ocorre no dia a dia dos leitores. Isso posto, entende-se que a tentativa de compreender esses processos encontra na abordagem etnometodológica potencial bastante coerente e rico, pois leva em conta o modo como os sujeitos constroem socialmente a realidade e os métodos utilizados pelos indivíduos para interpretar e pôr em ação suas atividades práticas e rotineiras.

3 PARADIGMA ETNOMETODOLÓGICO E LEITURA

Partindo dessas considerações, foi possível elaborar um arcabouço teórico alinhado epistemológica e metodologicamente com a introjeção da informação e geração de conhecimento no cotidiano, tomando como base a construção do senso comum, como proposto pela etnometodologia. Aspectos relevantes devem ser considerados na formulação e delimitação do problema de pesquisa: inicialmente, a percepção subjetiva do pesquisador em relação ao contexto investigado, quando este admite que a realidade social é constantemente criada pelos atores e que a vida social é fortemente constituída pela linguagem, relatos, conforme o pensamento de Garfinkel (1963), criador da abordagem etnometodológica.

O pesquisador, ao decidir investigar “as histórias de leitura de determinados sujeitos”, necessita conhecer o cotidiano desses leitores, a forma como percebem e significam suas experiências de leitura construídas no dia a dia. Para tal, é preciso entender a maneira como os sujeitos leitores agem, a forma das suas ações, a estratégia que desenvolvem para encontrar, destacar e armazenar a informação necessária

para reutilizá-la, enfrentar as suas adversidades, ou mesmo as situações corriqueiras que a vida lhes apresenta.

Posto isso, percebe-se que apoiado no método fenomenológico e na etnometodologia, o pesquisador ao investigar um fenômeno¹, partindo das experiências vividas pelos sujeitos da pesquisa, obtém as descrições desses sujeitos a respeito da sua experiência, e detém em mãos discursos significativos e passíveis de serem compreendidos e desvelados na sua essência.

Em levantamento bibliográfico sobre o tema no país, não foram identificadas mais pesquisas além das teses de doutorado de Dumont (1998), O imaginário feminino e a opção pela leitura de romance em séries; e Pinheiro (2013), Do limiar da casa ao olho da rua: crianças e adolescentes em situação de risco e suas histórias de leitura - das práticas singulares à pluralidade do olhar da Ciência da Informação. Com relação à esfera internacional sobre o tema leitura e etnometodologia, foram encontradas duas publicações estrangeiras que abordam o tema: Coulon (1998) e McHoul (1982).

A etnometodologia surgiu a partir dos trabalhos do sociólogo Harold Garfinkel, quando, em 1963, desenvolveu um estudo a respeito dos jurados das cortes norte-americanas, no qual pesquisava como as pessoas leigas se utilizavam de alguns procedimentos e técnicas que são similares àquilo que, em Sociologia, denomina-se metodologia científica. Tais procedimentos tinham preocupações com a montagem de relatos adequados, denominados por Garfinkel de sentido relatável (*accountable*) de suas atividades (COULON, 1998). De certa maneira, os jurados praticavam uma metodologia do senso comum, uma etnometodologia, em que o termo 'etno' refere-se a um conhecimento de senso comum utilizado por um membro de uma sociedade para um propósito específico, e o termo 'metodologia' se reporta aos procedimentos implementados pelo senso comum na representação corrente do mundo e da ação. Os etnométodos, então, compreendem uma lógica do senso comum.

Nota-se, assim, que Garfinkel desenvolveu a noção de que as ações dos

atores sociais não podem ser desvinculadas da linguagem através da qual são descritas. A linguagem expressa, na forma de relatos, uma série de práticas ordinárias estabelecidas em determinada comunidade, em determinado contexto. Para Coulon (1998), o comportamento das pessoas é construído nas interações por meio de um processo de linguagem e negociação contínuo e situado, ou seja, não há uma estrutura rígida e imutável que orienta o agir das pessoas. Essa distinção evidencia que no cotidiano das relações sociais, em todo grupo social, são construídas normas de convívio entre os seus integrantes.

Sob esse argumento destaca - se que:

Garfinkel estabeleceu um novo território para a análise sociológica, ou das ações, baseada no estudo das propriedades do raciocínio e do senso comum. Segundo o autor, os atores sociais responderam não só ao comportamento percebido, aos sentimentos, motivos, relacionamentos e outros aspectos da organização social da vida e seu contexto, como também à normalidade destes eventos, ou seja, suas chances de recorrência, sua comparação com eventos passados e as condições para estas recorrências. (DUMONT, 1998, p.153)

Para Beato Filho (1997), A etnometodologia enfoca uma série de explorações das propriedades elementares do raciocínio prático, das ações práticas, podendo-se destacar dois elementos de seu interesse: o universo do **senso comum**, arena privilegiada da dinâmica da ação social e o plano da **linguagem**, como constituidora do mundo social, especialmente no caráter relatável dos fatos.

Em se tratando das falas dos sujeitos, Garfinkel apoiou os postulados da etnometodologia para estudar a linguagem na teoria de dois pensadores: Wittgenstein (1979) e Austin (1961). Ambos enfatizam que ao empregar a linguagem, os sujeitos têm uma intencionalidade que, por sua vez, está ligada à subjetividade de cada ator. É importante salientar que, ao se afirmar que os estudos se baseiam na linguagem, não se está referindo aos moldes da linguística tradicional, que se preocupa mais com a língua enquanto ferramenta de estudo de sua própria estrutura, mas sim com a sua significação, seu potencial para constituição de significados, de sentidos. Wittgenstein (1979) e Austin (1961) a veem como

¹ Husserl (1986) define o termo fenômeno como a percepção de qualquer objeto no mundo que se torna visível à nossa consciência. Esse conceito inclui todas as formas de estar consciente de algo, incluindo qualquer espécie de sentimento, desejo e vontade, como seu comportamento imanente.

fenômeno social, usada essencialmente com o objetivo de comunicação.

Também nesse sentido, a etnometodologia está comprometida com o estudo do mundo cotidiano como um tópico de investigação e do conhecimento do senso comum, atitude da vida cotidiana empregada pelos membros da sociedade para descrever suas experiências no mundo como realidade fática (PAIXÃO, 1986). Para essa vertente, todo ator social é capaz de interpretar o mundo e de construir um raciocínio sociológico prático; sendo assim, interessa aos pesquisadores etnometodológicos as definições que as pessoas elaboram o saber produzido por elas, um saber do senso comum que era até então rejeitado pela ciência profissional.

A etnometodologia, portanto, trabalha com uma perspectiva de pesquisa compreensiva, considerando que a realidade socialmente construída está presente na vivência cotidiana de cada um e que em todos os momentos podemos compreender as construções sociais que permeiam as conversas, os gestos, a comunicação, dentre outras. Para Coulon (1998), aceitar esse fato significa compreender que os atores sociais definem permanentemente as instituições nas quais vivem em sua vida cotidiana. A vertente etnometodológica se apoia na ideia de que o segredo do mundo social se desvenda na análise dos etnométodos, isto é, dos procedimentos que os membros de um grupo social utilizam para produzir e reconhecer seu mundo, para torná-lo familiar ao mesmo tempo em que o vão construindo (RIVERO, 2010).

Uma das principais contribuições da etnometodologia reside no fato de podermos nos valer do olhar dos participantes para entender o que eles estão fazendo. As suas interações e o modo como eles tratam as suas ações e as ações dos outros são o foco de análise dos etnometodólogos. Apresenta hoje resultados aprovados nas pesquisas e experiências de pesquisadores na área da Pedagogia, das Ciências Sociais e da Ciência da Informação, por ser uma perspectiva de pesquisa que busca uma nova postura intelectual, não apenas para definir procedimentos adotados pelo pesquisador, mas sim para definir o campo de investigação e os processos desenvolvidos pelos atores que serão estudados em seu dia a dia.

Segundo McHoul (1982), um dos meios mais eficazes para descobrir novas formas de

entendimento de uma ação social específica como a leitura, por exemplo, seria por meio do paradigma etnometodológico, que oferece uma nova forma de entrevistar e abordar as pessoas, de investigar os acordos entre colegas culturais, investigar as propriedades racionais de expressões de indexação e outras ações de práticas contínuas e contingentes organizadas na vida cotidiana. Adentrar na etnometodologia, para melhor compreendê-la, significa olhar o objeto de pesquisa conhecendo a diversidade de termos e de conceitos trabalhados, para explicar como as pessoas comuns podem ser entendidas como sociólogos de si mesmas e de sua realidade.

No tocante à operacionalização da pesquisa de campo, cinco termos chave são destacados neste artigo, considerando-os como os mais importantes para as pesquisas na área da Ciência da Informação. Reconhecendo que a etnometodologia não faz alusão ao método, mas ao campo de investigação, destacam-se os termos-chave que focalizam e explicitam os conceitos: prática ou realização; indicialidade; reflexividade; noção de membro e; relatabilidade (*accountability*) (COULON, 1998).

A **prática ou realização** é a capacidade do sujeito de produzir e significar suas ações. Parte do pressuposto de que a realidade social é tida como prática construída no cotidiano dos atores sociais. A partir desse conceito, percebe-se que as práticas de leitura nos *locus* da pesquisa não são fatos preexistentes, mas sim uma prática social construída no dia a dia dos sujeitos. Dessa forma, para compreendê-las, tem-se que ficar atento às atividades desenvolvidas entre os sujeitos da pesquisa. Ir além da coleta de dados, chegar (re) construção, a (re) descoberta, e à (re) significação dos fatos relatados. Isto é, observar o que de fato ocorre no cotidiano dos leitores, quando relatam e participam de práticas de leitura.

A **indexalidade** ou **indicialidade** se refere às circunstâncias que cercam uma palavra, uma situação. Parte da premissa de que é através da linguagem que a vida social é constituída. Nas relações cotidianas, as pessoas conversam, indagam, respondem. Isso significa que, assim como a língua, as ações sociais precisam ser indexadas. No caso específico de pesquisa sobre leitura, a indexalidade orienta no sentido de adentrar, conhecer o contexto da pesquisa, visto que as falas coletadas nas entrevistas são insuficientes e não podem ser consideradas sem

o pesquisador compreender o contexto social em que elas são proferidas.

A indicialidade no grupo pesquisado ocorre quando os leitores partilham as lembranças do tempo vivido na família, na escola, na rua, por meio de nomes e expressões que despertaram a memória afetiva, a imaginação e a criatividade, quando falam de um tempo não vivenciado pelo pesquisador. Segundo Garfinkel (2006), a linguagem natural, ordinária, por meio da qual as pessoas se expressam em seu dia a dia, é profundamente indicativa, dá indícios, pois, para cada ator social; o significado de sua linguagem cotidiana depende do contexto em que ela se manifesta.

A **reflexividade** designa práticas que ao mesmo tempo descrevem e constituem o quadro social e não pode ser confundida com reflexão. A reflexividade evidencia que o processo de ação social se constitui a medida que se fala, constrói-se o sentido, a ordem e a racionalidade do que se está fazendo naquele momento. Por essa linha de raciocínio, compreende-se que os discursos dos sujeitos da pesquisa apresentam características que podem ser utilizadas para descrever o seu mundo social, por isso precisam ser explorados nas entrevistas. Percebe-se, ainda, que ao falarem sobre leitura, descrevem-na e, ao mesmo tempo, constroem a realidade, fazem seus caminhos e por eles são também refeitos, devido o processo de ação-reflexão, no qual as marcas de sujeito no e com o mundo se revelam.

A **noção de membro** instituída pela etnometodologia, diz respeito a uma pessoa, que tendo incorporado os etnométodos, ou seja, os métodos que as pessoas usam para entender e construir a realidade que as cerca, de um grupo social considerado, exhibe “naturalmente” a competência social que o agrega a esse grupo e lhe permite fazer-se reconhecer e ser aceito. Concebe que uma pessoa é um membro de um grupo, não por ela pertencer a um grupo em relação face a face, mas porque domina a linguagem deste grupo. Consequentemente, para ser membro do grupo é necessário: aprender a linguagem natural do grupo, que possui uma série de termos indiciais e apreender a relatabilidade/reponsabilidade/*accountability* do grupo. A noção de membro refere-se à pessoa dotada de um saber fazer, de um conjunto de métodos e procedimentos, que a tornam capaz de inventar mecanismos de adaptação para dar sentido ao mundo que a cerca.

A **relatabilidade, descritibilidade** (*accountability*) é a característica que permite fluir a comunicação entre os sujeitos sociais, tornando as atividades práticas racionais compartilháveis, objetivando a intersubjetividade e a constituição da ação social do conhecimento. Daí sua aproximação ao interacionismo simbólico (BLUMER, 1982), cujo foco concentra-se nos processos de interação social – que ocorrem entre indivíduos ou grupos. Possui como premissas básicas: o modo como um indivíduo interpreta os fatos e age perante outros indivíduos ou coisas, depende do significado (ou significados) que ele atribui a esses outros indivíduos e coisas e; o significado, porém, é resultado dos (ou é construído a partir dos) processos de interação social.

No caso das histórias e experiências de leitura, uma primeira aproximação com o princípio da *accountability* ocorre a partir das descrições e dos relatos de suas histórias e experiências, quando revelaram realidades específicas de suas vidas. Constata-se, assim, que o mundo fornecido pela *accountability* é a representação de um universo local, centrado principalmente ao redor de um grupo limitado de pessoas, onde acontece objetivação do mundo social como produto de atividades práticas desses atores em interação.

Diante ao exposto, pode-se afirmar que os pontos etnometodológicos se complementam. Destaque ao caso específico de pesquisa de leitura, principalmente no que diz respeito à indicialidade e a noção de membro, visto que muitos sujeitos envolvidos nas práticas de leitura compartilharam de uma linguagem comum e interagiram com seus pares, construindo redes de significados, a fim de tornar o ato de ler mais prazeroso e mais facilmente compreendido.

Os cinco conceitos chave são norteadores do pensamento de Garfinkel (2006), tomados como referência para o pensar etnometodológico. O conjunto desses conceitos é que possibilita a prática da “sociologia profana” garfinkeliana, relacionada à ênfase que se dá em compreender a construção do cotidiano, assim como valorizar a organização naturalística de um grupo social por meio de suas práticas (COULON, 1998).

Embora a Sociologia tradicional pregue a disjunção entre os mundos do senso comum e da ciência, pode-se dizer que existe uma identidade entre esses dois domínios, muito bem lembrada

por Garfinkel (1963), quando observou que os componentes de um júri utilizavam-se do senso comum para chegar a argumentos e conclusões comprovadas (DUMONT, 1998).

A autora observa que:

[...] a prática de se iniciar a especulação com base no senso comum e na contextualização é notória no fazer científico, principalmente em situações onde não se possui o apoio de um marco teórico substancial de postulados, inclusive de informações básicas levantadas por pesquisas e estatísticas macro ambientais de comunidades, que deveriam ser realizadas por órgãos oficiais e que, sem dúvida alguma, ajudariam substancialmente no conhecimento do contexto macro de leitores carentes, não só nos aspectos socioeconômicos como também nos culturais (DUMONT, 1998, p. 160).

Analisando a incipiência de informações sobre o efeito da leitura na vida do leitor, principalmente de sujeitos/leitores de comunidades socioeconômica e culturalmente carentes, constata-se que a presença do senso comum é notória no fazer científico. Por isso, algumas técnicas de coleta de dados são consideradas de suma importância em pesquisas de cunho etnometodológico, a saber: observação participante, entrevistas fundamentadas nos princípios da história de vida tópica (DUMONT, 1998), na escuta sensível (BARBIER, 1993) e nos desenhos comentados, quando se trata de leitores crianças. (PINHEIRO, 2013)

A etnometologia, além de preocupar-se com a fala dos sujeitos, lembra que pequenos gestos, alguma manifestação corporal manifestada durante fala específica, pode ter grande significado para o entrevistado, consequentemente para o pesquisador. Por isso e para efetivar a análise da pesquisa de campo, devem-se utilizar instrumentos acessórios, como gravador ou filmadora digitais e diário de campo. No tocante à gravação das falas e registro fotográficos ou de vídeos, é bom lembrar a preocupação de solicitar a autorização prévia para tal procedimento. O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) também deve ser assinado, principalmente junto aos responsáveis quando houver menores de idade envolvidos na pesquisa.

Igual importância precisa ser dada aos mínimos dados que emergem da experiência cotidiana revelados pelos leitores, pois podem vir a distinguir com vigor facetas diversas apontadas nas análises. Portanto, a validação dos dados se processa sob a inspiração etnometodológica, na qual os interlocutores, ao categorizar eventos e inferir intenções, tornam suas falas uma fonte rica de raciocínio lógico formalizado, constituída por sobreposições de vozes, simetrias e repetições que resgatam o valor do senso comum no processo de produção e socialização do conhecimento.

Nesse sentido, a utilização da etnometodologia nas pesquisas sobre leitura foi estruturada com vista a compreender como ocorre o processo das práticas de leitura por meio de interações sociais do cotidiano. Para tal, cruza-se naturalmente e principalmente a indexicalidade (expressões narrativas contextuais) e a *accountability* Garfinkeliana (compartilhamento da comunicação e das práticas dos sujeitos), para conhecer como os leitores constroem suas histórias de leitura e edificam o ponto de encontro entre a leitura e o seu efeito no mundo vida dos sujeitos da pesquisa.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Há sempre uma grande apreensão ao tecer as considerações finais de um trabalho que expõe novas propostas, neste caso, de investigação metodológica. Todavia, retoma-se o problema inicial e os objetivos propostos, que são articular e responder como a etnometodologia pode contribuir para as experiências investigativas na área da Ciência da Informação. Nesse sentido, destaca-se primeiramente o caminhar na intenção de ampliar os postulados etnometodológicos como uma postura científica, para aprimorar os resultados nas pesquisas sobre leitura, sob o enfoque da Ciência da Informação. Pode-se destacar primeiramente o destaque dado ao senso comum, como algo que vai além da comunicação verbal, da crença popular, pois nele o pesquisador consegue ver emoções, sentimentos, anseios e necessidades, sem fugir ao rigor científico que uma pesquisa exige.

O arcabouço metodológico apresentado visa incentivar estudos e pesquisas sobre leitura na área da Ciência da Informação, voltadas aos procedimentos implementados pelo senso comum destacado pela etnometodologia como um arsenal metodológico permanente e dinâmico já comprovado em pesquisas e experiências na área da Educação e das Ciências Sociais. Face ao exposto, constata-se que a Ciência da Informação pode, assim, encontrar nas incursões apresentadas, novas possibilidades para enfrentar os desafios que se apresentam na compreensão do ato de introjeção ou apropriação da informação, com base na compreensão do fenômeno vivenciado pelos leitores na motivação da interação com a leitura e as necessidades informacionais que se apresentam no contexto social.

A carga contributiva da etnometodologia para a Ciência da Informação, além de descobrir o mundo real dos sujeitos, permite não só observá-los, mas também conhecer o que dizem a seu próprio respeito. Essa realidade se apresenta, claramente, na articulação das pesquisas voltadas para as práticas de leitura, visto que seu postulado investiga as propriedades racionais de expressões de **indexalidade** — que diz respeito às circunstâncias que cercam uma palavra; **reflexibilidade** — que se articula com o processo de ação-reflexão, no qual as marcas de sujeito no e com o mundo, se refletem e na **relatabilidade** — equivalência entre fazer/falar uma interação.

Sendo assim, a inserção da etnometodologia possibilita que a sua condução seja direcionada aos propósitos de descobrir como o leitor introjeta conhecimentos adquiridos pela leitura, através dos métodos utilizados pelos indivíduos para interpretar e pôr em ação suas atividades práticas e cotidianas; ao interesse pela forma como os indivíduos interagem com seus contextos e; pela maneira como são construídas suas percepções e interpretações do mundo.

Através do entendimento das ações construídas na vivência diária dos sujeitos, é

possível perceber como estes significam suas experiências de leitura. Em outras palavras, é preciso conhecer a maneira como os leitores agem, a forma como relatam as suas ações, o jeito que encontram para enfrentar as adversidades, as situações corriqueiras que a vida lhes projeta, tudo isto vinculado à leitura.

A etnometodologia é mais uma atitude do que um método propriamente dito, um paradigma. Por isso, autores e críticos lembram que seus postulados dialogam em uma perspectiva teórico-metodológica que subjaz ao trabalho de pesquisadores nas diversas áreas da ciência, onde há o predomínio de investigações em torno do senso comum, das práticas sociais, do interesse pela vida e pela linguagem natural, das experiências cotidianas dos sujeitos sociais.

Constata-se que a literatura sobre etnometodologia é relativamente densa, entretanto, no campo da Ciência da Informação, os estudos e as pesquisas ainda são incipientes. Contudo, por trabalhar com a linguagem e o senso comum, aplica-se e adequa-se a nichos de pesquisa que ainda não possuem aporte teórico bem consolidado, como é o caso da leitura, sob o viés da Ciência da Informação. Principalmente quando enfocam comunidades sócio, cultural, educacional e economicamente carentes.

Portanto, verifica-se que é bastante pertinente a abertura de diálogo entre a etnometodologia e a Ciência da Informação, a fim de suprir a literatura científica de estudos empíricos que venham a subsidiar estudos qualitativos em pesquisas sobre leitura, que buscam focar os procedimentos e as práticas cotidianas implementadas pelo senso comum, no processo permanente de construção e reconstrução social da realidade. Bem como os estudos e pesquisas sobre a introjeção de conhecimentos através da leitura, tendo em vista encaixar-se perfeitamente no referencial teórico-metodológico apresentado pela etnometodologia.

INROADS OF A THEORETICAL METHODOLOGICAL ETHNOMETHODOLOGY IN INFORMATION SCIENCE: reading researches

ABSTRACT Discusses the theoretical and methodological choices in order to present some thoughts that may assist in developing future research on reading as a way of exploring possibilities of change in the daily lives of individuals and groups. Emphasizes that the phenomenological method, the qualitative approach, participant observation, interviews (that can be supported by the sensitive listening, the aforementioned drawings), the topical life story and ethnomethodology are relevant and essential resources to support the methodological path of reading about research in discourse of Information Science. Suggests the opening of dialogue between ethnomethodology and Information Science, considering the intersection of the fields of information ownership in the constitution of the self-citizen player, coming on the one hand, of Information Science studies and on the other, the socio-historical studies of reading. Points out the relevance of ethnomethodology in Information Science, especially when research in this area deal with the user and his world life, his experiences and his particular vision, with the possibilities to reconstruct, from the information and knowledge that mediated seek to fulfill needs that are established between people and groups. Concludes that ethnomethodology offers new forms of interaction with the reading, as his postulate investigates the properties of rational expressions indexing and other continuous actions and social practices organized in everyday life.

Keywords: Reading and research methodology. Reading and ethnomethodology. Information Science and ethnomethodology – Reading and ownership information.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA JÚNIOR, O. F. de. Leitura, mediação e apropriação da informação. In: SANTOS, Jussara P. (Org.). **A leitura como prática pedagógica na formação do profissional da informação**. Rio de Janeiro: Fund. Biblioteca Nacional, 2007. p.33-45.

____; BORTOLIN, S. Mediação da informação e da leitura. In: SEMINÁRIO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 2., Londrina, 2007. **Anais ... Londrina: Universidade Estadual de Londrina - UEL, 2007**. Disponível em: < http://eprints.rclis.org/13269/1/MEDIA%20C3%87%20O_DA_INFORMA%20E_DA_LEITURA.pdf > Acesso em: 20 de fevereiro de 2015.

AQUINO, M. de A. Informação e formação de leitores no cenário de uma educação neoliberal globalizada. **Informação & Sociedade: Estudos**, João Pessoa, v.7, n.1, p.100-194, 1997.

ARAÚJO, C. A. Á. A ciência da informação como ciência social. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 32, n.3, p.21-27, set./dez. 2003.

ARAÚJO, E. A. **A construção social da informação: práticas informacionais no contexto de organizações não-governamentais/ONG's brasileiras**. Brasília, 1998. (Tese) Doutorado em Ciência da Informação. Brasília: Universidade de Brasília, 1998.

AUSTIN, J. L. **Philosophical papers**. Oxford: Oxford University Press, 1961.

BARBIER, R. A escuta sensível em educação. **Cadernos ANPED**, Belo Horizonte, n.5, p.11-43, 1993.

BEATO FILHO, C. C. Etnometodologia: o senso comum em cena. **Teoria & Sociedade**; Revista do Departamento de Ciência Política e de Sociologia e Antropologia da UFMG, Belo Horizonte, n.2, p.177-212, dez. 1997.

BECKER, H. **Métodos de pesquisa em Ciências Sociais**. 2. ed. São Paulo: Hucitec, 1994.

BLUMER, H. **El interaccionismo simbólico: perspectivas y método**. Barcelona: Hora, 1982.

- BRASIL. Constituição. **Constituição da República Federativa do Brasil**: 1988. Organização do texto: Juarez de Oliveira. 4.ed. São Paulo: Saraiva, 1990. Cap. I.
- CHARTIER, R. **A história cultural**: entre práticas e representações. Lisboa: DISFEL, 1990.
- COULON, A. **Etnometodologia**. Petropolis: Vozes, 1998.
- DUMONT, L. M. M. **O imaginário feminino e a opção pela leitura de romances de séries**. Rio de Janeiro, 1998. Tese (Doutorado em Comunicação Social). Rio de Janeiro: Convênio CNPq/IBICT - UFRJ/ECO, 1998.
- _____. Leitura, via de acesso ao conhecimento: algumas reflexões. In: SANTOS, Jussara P. (Org.). **A leitura como prática pedagógica na formação do profissional da informação**. Rio de Janeiro: Fund. Biblioteca Nacional, 2007. p.65-76.
- GARFINKEL, H. A conception of, and experiments with, "trust" as a condition of stable, concerted actions. In: HARVEY, O. J. **Motivation and social interaction**: cognitive approaches. New York: Ronald Press, 1963. p.187-238.
- _____. **Studios en etnometodología**. Barcelona: Anthropos, 2006.
- HUSSERL, E. **A idéia da fenomenologia**. Lisboa: Edições 70, 1986.
- McHOUL, Alec W. **Telling how texts talk**: essays on reading and ethnomethodology. London: Routledge & K. Paul, 1982.
- PAIXÃO, A. L. A etnometodologia e o estudo do poder: notas preliminares. **Análise e Conjuntura**, Belo Horizonte, v. 1, n. 2, p. 93-110, maio/ago. 1986.
- PETIT, M. **Os jovens e a leitura**: uma nova perspectiva. São Paulo: Ed. 34, 2008.
- PINHEIRO, E. G. **Do limiar da casa ao olho da rua**: crianças e adolescentes em situação de risco e suas histórias de leitura - das práticas singulares à pluralidade do olhar da Ciência da Informação. Tese (Doutorado em Ciência da Informação). Belo Horizonte: Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação da Escola de Ciência da Informação da UFMG, 2013.
- RIVERO, C. M. L. **A etnometodologia na pesquisa qualitativa em Educação**: caminhos para uma síntese. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE PESQUISA E ESTUDOS QUALITATIVOS, 2., Bauru, 2004. Bauru: Sociedade de Estudos e Pesquisas Qualitativas, 2004. Disponível em: <<http://www.sepq.org.br/Isipeq/anais/pdf/mr2/mr2-5.pdf>>. Acesso em: 3 de janeiro de 2015.
- WITTGENSTEIN, L. **Investigações filosóficas**. São Paulo: Abril Cultural, 1979.